The background of the cover is a dark, textured red and black, resembling a demonic or hellish environment. In the lower half, a large, dark, metallic, and jagged object, possibly a weapon or a piece of armor, is visible, extending from the left towards the center. The overall mood is dark and menacing.

DIABLO®

IMMORTAL™

Instintos

UM CONTO DE  
RYAN QUINN

História

RYAN QUINN

Ilustração

SANGSΘΘ JEΘNG

Edição

CHLΘE FRABΘNI

Consultoria de ambientação

MADI BUCKINGHAM, IAN LANDA-BEAVERS

Consultoria criativa

MAC SMITH, SEBASTIAN STĘPIEŃ

Produção

BRIANNE MESSINA, CARLΘS RENTA

Design

CΘREY PETERSCHMIDT

Agradecimentos especiais

ΘTIS BLUM, JUSTIN DYE, SCΘTT  
SHICΘFF, MATTHEW BERGER, E A EQUIPE  
(ATUAL E ANTIGA) DE DIABLΘ IMMΘRTAL  
POR TEREM DERRAMADΘ SANGUE NΘVΘ  
EM SANTUÁRIΘ

© 2023 Blizzard Entertainment, Inc. Todos os direitos reservados.

**BILZARD**  
ENTERTAINMENT

# Instintos

**Q**uando cai a noite na área leste de Porto Real, todos desaparecem das ruas. Alodie já havia se acostumado com essa transformação drástica e hostil da cidade, mas isso nunca deixou de incomodá-la.

Ela caminhava com passos firmes por uma viela que mais parecia um túnel estreito a céu aberto e se expandia infinitamente pela escuridão. Ao redor dela se amontoavam casebres de madeira carcomida, com tantas subdivisões que seria impossível distinguir onde começavam e onde terminavam. Eram apenas lares improvisados, barracos destinados aos pobres e miseráveis.

As moradias da Avenida da Lamúria se escondiam muito bem da vista do público. Pelo menos Alodie conseguia sentir o cheiro do oceano daqui, mesmo sem vê-lo. Além dos berros e insultos vindos das docas, é claro. Quase todas as esquinas terminavam em becos. Peixes se debatiam na rede de algum pescador anônimo.

Tudo fedia.

Apesar disso, nas favelas de Porto Real ninguém julgava o que você estava fazendo. Ela seguiu o primo por uma rua de pedras lodosas, a uma distância segura.

“Anda logo”, resmungou Boyce, com o passo apressado, sem olhar para trás, sem dizer *uma palavra* sobre onde iam.

Boyce era mais velho e magro, com sangue mais alto na linhagem, e tinha um nariz tão distinto que, de alguns ângulos, era só o que dava para ver de sua cara. O seu casaco era tão grande que podia esconder uma espada larga. Alodie tinha cabelos claros e finos, presos com firmeza. Ela tinha vestido as luvas grossas para pôr a mão na massa. A vestimenta adequada para um acerto de contas.

De tudo que ela já tinha feito pela família em Porto Real, o que ela menos gostava era de acertar as contas com alguém.

O planejamento era extenuante. A preparação dos carroceiros para a entrega, instruindo-os a abrir as caixas certas e deixar algumas trancadas, além do valor da propina caso eles fossem abordados... Alodie era atenciosa com detalhes, mas eram tantos que ela se sentia exausta depois do trabalho. Ao menos no fim do dia, o soldo era generoso. Além disso, quando Alodie preenchia rápido a burocracia alfandegária, ela podia ir embora mais cedo. E ela compensava o tédio do serviço com noites memoráveis. No início do ano, Linn e ela tinham enchido a cara e escrito “ESMOLA” com sangue bovino na capota de couro de uma das carruagens da família.

No dia seguinte, a carruagem estava completamente limpa. Ninguém foi punido, ninguém nem mencionou o ocorrido. Alodie ficou rindo sozinha por horas tentando imaginar a mãe idosa do Boyce, a matriarca da família, com o rosto contorcido e esbravejando enquanto dava ordens para a faxineira limpar a bagunça.

Há muitos anos Alodie não conseguia ter amizades, e Linn era a única amiga e cúmplice para todas as horas. Alodie nunca lembrava qual foi o momento em que elas viraram amigas, mas sabia exatamente o que as unia: Linn tinha alma de poetisa. Ela trabalhava horas a fio em sua loja, mas sempre fazia questão de que elas pudessem vestir as melhores sedas do mercado. Alodie tinha inveja dela. Linn tinha sorte de não ser parte da família. Ela nunca tinha que acertar as contas com ninguém.

Os alvos eram sempre o pior tipo de gente. Parasitas. Primeiro eles se

endividavam, *depois* queriam pedir empréstimos, e *invariavelmente* tentavam fugir do pagamento.

E sempre sobrava para Alodie fazer o papel de negociadora com os parasitas. Os primos dela eram... um tanto exagerados, por isso ela tinha que definir as novas datas e quantias a serem pagas, além de apaziguar o terror dos parasitas enquanto os rapazes quebravam tudo. Ela ajudava os parasitas a se ajudarem, caso contrário acabavam se machucando. E a maioria deles merecia se machucar.

Toda aquela situação desnecessária era um vexame. Por que as pessoas nunca tomavam jeito?

Boyce seguiu atravessando Nuljardim. Após várias viradas bruscas, depararam-se com um labirinto de casas de madeira e pedra que os obrigou a parar. Mesmo que alguém estivesse olhando, Alodie nunca saberia, porque as janelas estavam todas cobertas de lodo. Aquelas janelas imundas faziam todo sentido. Ela sabia que serviam para esconder todo tipo de ato sórdido lá dentro.

Alodie se sentiu perdida e com leve náusea. Ela insistiu com Boyce. "Quem é o parasita?"

Boyce não olhou pra trás: como sempre, fingiu nem ter ouvido a pergunta. E então desapareceu em um beco.

Tentando segui-lo, ela percebeu que o primo mexia em algo debaixo do casaco. Ela deu graças quando Boyce finalmente parou diante da porta de uma casinha marrom geminada, uma casa que ela...

Imediatamente Alodie esqueceu de todo o tédio e a irritação que sentia por executar a tarefa naquela noite. O coração e o estômago dela se apertaram tão forte que pareciam esmagados pelas pedras sujas do chão. O pânico a fez fincar as unhas nas mãos.

Era a placa da loja da Linn que tremulava inocentemente na brisa noturna.

Boyce deu um sorriso pra ela. Aqueles dentes amarelos.

"Não seja fresca, fadinha", disse ele. "Aceite os instintos. E isso acabará logo."

Então ele se virou e arrombou a porta com um chute.

ELES USAVAM ESSA ARTIMANHA PARA  
FREAR O CRESCIMENTO DE ALODIE, QUE  
PODIA FACILMENTE COMANDAR TODA A  
ORGANIZAÇÃO. DIZIAM QUE FALTAVA A ELA  
INSTINTOS DE CAÇADORA. DE ASSASSINA.

“Como é que você pôde ser tão idiota?” Alodie estava gritando com sua única amiga.

Ainda bem que Alodie não podia se ver naquele momento. Pois ela conhecia bem aquela aparência. As veias saltadas no pescoço, na testa, o rosto encarniçado e a boca despejando saliva. Uma visão grotesca.

Eles amarraram Linn em uma cadeira da loja, com as mãos para trás, depois viraram ela de cara para o chão. Só para dar um susto. O local já estava parecendo um pardieiro. Tufos de lã e pelo de lebre espalhados sobre um tear na parede traseira. Peças de couro penduradas sem nenhuma ordem, jarras de tintas ressecadas em uma mesa desarrumada e o chão coberto de palha. O teto já estava tão rebaixado e infiltrado que podia derrubar os inquilinos de cima sobre eles a qualquer momento.

Do lado oposto da bagunça havia uma cômoda aberta, com vários metros de seda finíssima e dobrada com cuidado.

Alodie apontou para a seda. Era uma das remessas da família. Ela circulou o dedo por toda a sala. “Fomos nós que te demos tudo isso. A única coisa que você precisava fazer era pagar dentro do prazo.”

Linn não conseguia conter o choro. O rostinho dela, com formato de maçã, parecia ainda menor com todas aquelas lágrimas. Ela vestia um elegante lenço escot azul e dourado no pescoço e tinha os cabelos curtos e castanhos muito bem arrumados, com pó de rosas e cera que ela havia roubado do curtume. A própria Alodie tinha ajudado no roubo, vigiando o movimento.

Linn parecia implorar por clemência com o rosto. *Ótimo*. Isso demonstrava que ela seria obediente. Alodie pôs a mão na cadeira, começando a erguê-la. “Se você prometer que vai nos devolver duzentos em um mês...”

Boyce interrompeu. “Quem não cumpre promessas, não devia abrir a boca.” Ele era um bruto e gostava de falar como um.

Foi naquele momento que o rosto de Linn irradiou rebeldia. Tanta rebeldia quanto possível, afinal ela pesava meros quarenta quilos e estava de ponta-cabeça no chão.

“Vai se danar, brucutu narigudo”, cuspiu ela. “Tomara que os gatos da sua mãe comam os olhos dela e depois os demônios comam os gatos.”

Linn não era grosseira, mas tinha um jeitinho buliçoso de provocar. E ela tinha razão, afinal. A mãe de Boyce era uma megera.

Boyce ficou calado, boquiaberto, e logo sacou do casaco um martelo duplo. Primeiro ele quebrou cada uma das jarras de tinta, e o vidro tilintou pela sala espalhando o líquido viscoso e colorido. Linn gritou. Alodie fechou os olhos quando os estilhaços voaram, depois tateou e confirmou que não havia se cortado.

Boyce já estava amordaçando a Linn com um pano e virando a cadeira na posição normal, com o martelo erguido em punho.

“Para!”, Alodie gritou alto, antes que ele pudesse fazer algo horrível.

“O que eu ganho se eu parar?” Boyce balançava o martelo. Ele trocou olhares com as duas, como se elas tivessem que resolver esse dilema.

Alodie olhou para Linn ali, de boca aberta, com os olhos inchados e as sobrelhas arrepiadas. Aterrorizada.

“Ela não vai só pagar o que deve. Vai pagar mais cem peças de ouro, como bônus. É um agrado só para você. Em um mês. Não é isso, Linn?”

Linn assentiu. Era assim que funcionava um acerto. Primeiro uma demonstração de força bruta, depois...

Boyce deu um passo lento e desafiador na direção de Alodie. Ele apertava o martelo com firmeza.

“Acho que assim ela não ia aprender nada. Eu acho” — ele prolongou a pausa — “que ela *não mereceu* essa generosidade.”

O coração de Alodie estava explodindo. Ela torcia para que isso não transparecesse em suas feições. Agora ela teria que negociar com os dois.

“Está bem”, ela disse. “Linn vai pagar em duas semanas. Eu mesma venho buscar. E eu assumo suas burocracias por um mês.” Era uma concessão. Às vezes, as concessões ajudavam. Mostravam que você respeitava a outra parte.

“Você não tem instintos, mesmo”, Boyce falou, tamborilando os dedos pelo martelo. A voz dele parecia quase tristonha.

A mãe dele sempre enchia o peito para falar dos instintos, e Boyce aprendeu com ela. Eles usavam essa artimanha para frear o crescimento de Alodie, que podia facilmente comandar toda a organização. Diziam que faltava a ela instintos de caçadora. De assassina.

Mas Alodie tinha esses instintos. Ela já provara.

Até certo ponto.

“Se ela quer tirar nosso ganha-pão, acho que temos que tirar o dela. É o que é justo.” Boyce virou, ergueu o martelo e olhou para Linn, que se encolhia na cadeira.

Linn se contorceu e murmurou algo abafado pela mordação.

“Por favor”, disse Alodie.

Boyce segurou a cadeira para firmá-la.

Alodie sabia o que ele estava pensando. Os instintos tomaram conta.

“Você é um imbecil. Se quebrar os dedos dela, como espera que ela vá arrecadar dinheiro para nos pagar? Ela...”

Ele martelou a mão dela com força.

Linn se sacudiu freneticamente na cadeira. Tudo que ela tentava falar soava apenas como gemidos sem sentido. E não era só por causa da mordação. Mas sim porque ela estava sem palavras. A dor era intensa demais.

Ela tremia e babava quando Boyce puxou a cadeira e desamarrou seus pulsos. A mão direita de Linn tinha sido estraçalhada, com sangue escorrendo pela pele rachada, debaixo das unhas, em todos os lugares. Ela se balançava incontrolavelmente, enquanto abraçava o próprio braço.

Alodie não queria nem olhar. Ela continuou encarando Boyce, que mal havia suado com aquela cena toda e parecia estar tendo um dia tranquilo.

“Agora não vamos receber nada,” criticou Alodie com todo ódio que sentia. “Menos que nada, seu idiota.”

Boyce deu de ombros. “Ela vai pagar. Conheço um jeito mais rápido do que duas semanas de trabalho.” Com uma mão só, ele puxou Linn na direção da porta. Ela ainda se contorcia e gemia com a mordação.

A empáfia dele fez Alodie suar frio. “Para onde você está levando ela?”

O que ele estava pensando? Em vendê-la para uma casa do ramo? Vendê-la como escrava? Com a mão estragada daquele jeito?

Boyce simplesmente ignorou Alodie outra vez. “Agora ela não é mais problema

seu.”

Com os pés, ele arremessou uma mochila na direção dela. Palha voou para todo lado. “Pega essa seda, pega o que tiver de valor e vai para casa. Amanhã nós falamos.”

O rosto de Alodie estava pegando fogo. Ela tinha que impedi-lo. Dar um soco nele. Qualquer coisa.

Mas o sangue dele era mais alto na linhagem.

Linn não parava de olhar para Alodie enquanto Boyce arrastava ela para fora da loja.



Alodie começou a vagar pelas favelas como se estivesse com uma ferida aberta. Devagar. Passos letárgicos. A dor que ela sentia era um sentimento.

Ela nunca tinha se preocupado com nenhum parasita, mesmo quando o acerto dava errado. Mas Linn não era uma parasita. Pelo menos não era uma parasita *qualquer*.

Você não falava do talento de um parasita para sua família. Não convidava para sentar na mesa de negociação.

Quando um parasita conseguia lucrar bastante, vocês não saíam desfilando pelo distrito alto, com trajas de fazer inveja à nobreza local. Por onde passavam, bardos e boêmios não reverenciavam vocês. As noites não pareciam se alongar, tão prazerosas que até o sol ficava acanhado de aparecer.

Você não prometia a um parasita esta sempre ao seu lado. E esse parasita não prometia a mesma coisa.

Talvez Linn acreditasse que ela receberia um tratamento especial da família, pela proximidade das duas. Talvez Alodie a tivesse deixado acreditar nisso.

Ela seguiu Boyce à distância desta vez, fora de vista, esgueirando-se pelas esquinas e sobrados da Lamúria até que as favelas voltaram a seguir um caminho linear. Mesmo assim, Alodie andava dispersa, uma errante sem instinto de caça. Quando viu Boyce se encontrar com vultos na noite e, juntos, arremessarem algo

irreconhecível em uma carroça, Alodie começou a apertar o passo. A errante tinha uma motivação.

A carroça do primo ganhou tração nas pedras enlameadas e partiu em direção a noroeste. Quatro condutores e uma carroça: era sinal claro de uma entrega. Aquela noite envolveria mais do que Linn.

No entanto, eles estavam se afastando das docas. Pelo menos não estavam vendendo-a para Lameira.

Alodie seguiu o bando de Boyce por uma hora pelas estradas de terra, cada vez mais se afastando dos portões norte da cidade, com seus estandartes espalhafatosos em azul e verde. Ela espreitava nas sombras, sem a camuflagem dos becos e vielas, assustada com qualquer pio de coruja. Os pontinhos fulgurantes das tochas se desviaram da estrada, adentraram a mata e a fresca brisa do mar deu lugar ao forte aroma de terra úmida.

Ela resolveu esperar. Deixou passar alguns minutos e eles se distanciaram para voltar a seguir. Alodie já tinha um bom palpite de onde estavam indo.

A família tinha um ponto de parada oculto afastado da cidade, numa clareira em Matadalém, para o remanejamento de carga e condutores no meio das viagens. Alodie já tinha caminhado até lá algumas vezes.

O local era bem escondido e tirava proveito do início da parte mais densa da copa da floresta. Boyce estava tirando a poeira das mãos numa grande carroça de quatro rodas, com outras duas carroças a alguns metros atrás. As três tinham uma abertura na parte de trás, mas as capotas de couro liso ajudavam a obscurecer a carga.

Alodie escutava o pisotear e relinchar dos cavalos, as conversas abafadas entre os condutores. Ela se agachou no matagal, firmando as mãos entre as larvas, musgos e esterco. Os espinhos dos arbustos espetavam sua pele.

Boyce, o casmurro Lachlan e o resto do bando troglodita se viraram para o escuro, onde Alodie estava, e apontaram as tochas pesadas que também serviam como porretes. Ela lembrou que uma parte da família tinha longa tradição nas gangues de facas.

Eram os mais sisudos e quase sempre ficavam em silêncio. Era comum esse tipo de tarefa causar algum tipo de mau-humor na equipe. No mínimo, a respeito do pagamento e da forma como seria gasto. Eles se apressaram ainda mais na direção

# TALVEZ OS INSTINTOS DEMANDASSEM UM CERTO DESDÉM PELAS CONSEQUÊNCIAS.

do mato, os olhares afoitos como animais assustados. Como se quisessem sair logo daquele lugar.

Alodie mordeu a língua com força. Ela suportou a dor intensa enquanto as tochas chegavam cada vez mais perto. Para iluminar as trevas. Para encontrá-la escondida nos arbustos.

Ela olhou para Boyce. Profundamente. O sangue dele era mais alto na linhagem, mas ele não era invencível. As pupilas pretas quase ocupavam o olho inteiro dele, tão gelatinoso e macio. A garganta era magra e certamente fácil de esmagar. Ela desejou ter trazido uma pá, um espeto, ou até mesmo um punhado daquele vidro quebrado do chão da loja.

Ele caminhou na direção dela. Alodie apertou os punhos e dobrou os joelhos. Se a encontrassem, ela queria dar o primeiro golpe.

E depois, o que aconteceria? Iam esmagar também as mãos dela. Vendê-la como escrava. Boyce tinha toda razão: Ela nunca tivera instintos. Ela só fingia.

Parecia que nunca iria aprender. Ele estava *distraído*. Deixar ele passar por ali e ir embora, despercebido... era uma oportunidade para ela. Os instintos sabiam.

Sem fazer nenhum som, Alodie se deitou na mata.

O bando passou pelo esconderijo de Alodie e foi embora a passos firmes. A luz das tochas sumiu de vista. Com as sombras ao seu redor, ela sentiu confiança para respirar outra vez. Adiante, três carruagens trepidavam pela terra batida, com o estralar dos chicotes para acelerar os cavalos.

Se ela sáisse atrás deles, a família veria. Mas se os cavalos acelerassem demais, ela jamais os alcançaria.

Com o olhar distante do bando do Boyce e torcendo para eles ainda estarem se afastando de costas, Alodie conseguiu se arrastar até a carroça mais próxima. Ela prendeu a respiração e implorou a si mesma para não tossir com o forte fedor exalado pelos cavalos e fungos da floresta.

Cada carruagem tinha um condutor na frente, com um longo chicote e um par de tochas fincadas ao seu redor. Eles remexiam os chicotes e bradavam comandos. Assobiavam. Gritavam. Estavam ocupados. Os cavalos da frente começaram a

galopar.

Talvez os instintos demandassem um certo desdém pelas conseqüências.

Alodie saltou. Ela conseguiu pôr um pé na traseira da carroça e depois se arremessou para dentro. Ela caiu com todo o peso sobre a barriga e perdeu o ar dos pulmões.

Mas ficou feliz por ficar sem fôlego, pois estava no inferno.



O interior da carroça era um retrato do horror. Corpos empilhados e amontoados contra as paredes. Vultos maltrapilhos e apáticos com dificuldade de respirar, acorrentados como bichos a postes de ferro. Alguns estavam descalços, com os pés quebrados e com hematomas, ou as mãos esmagadas com as unhas soltas e sangrando. A maioria estava vendada. Todos estavam amordaçados. As cabeças pareciam titubear em torpor. Sob a parca luz que refletia, pareciam mais silhuetas do que pessoas.

A mãe de Boyce — a família inteira, incluindo Alodie — faziam entregas de muitas coisas. Coisas que jamais deveriam. Mas isso ia muito além do que ela sabia.

Alodie encheu o pulmão de ar, contra a própria vontade.

Ela mal conseguia ficar de pé, não apenas pelo estômago embrulhado. A carroça corria pela estrada. Balançava a cada avanço dos cavalos na direção norte, mata adentro pelas densas árvores. Aquela rota nas profundezas de Matadalém rapidamente seria intransponível para as rodas. “Infernos, aonde será que estavam indo?”

Alodie olhou aflita as faces dos condenados ali, e evitou alguns olhares dispersos que recebeu de volta. Ela não reconheceu ninguém. Provavelmente eram todos parasitas. Mas com certeza não eram nenhum dos parasitas *dela*.

A aflição tomou controle, como se ela fosse começar a chorar, mas os instintos a impediram. Tudo travava na garganta e ela engolia em seco.

Linn estava nos fundos, praticamente apoiada sobre dois outros prisioneiros. Os olhos fechados, amarrada e amordaçada. Ainda.

OS GRITOS ESTRIDENTES DERA  
LUGAR A OUTRO SOM. UM GARGALHE  
RUCO E ÚMIDO. ALODIE OUVIU  
ARRANHÕES FRENÉTICOS, UM GRITO  
DE RASGAR A GARGANTA E, ENFIM,  
SILÊNCIO.

Alodie rastejou até lá. “Shh”, sussurrou ela aos passageiros, com os dedos sobre os lábios. Sem falar nada. A voz dela parecia ecoar para dentro. Ela batia no próprio peito para ser mais enfática.

“Primeiro ela. Depois posso ajudar.” Será que ela podia ajudar esses miseráveis? Será que fazia diferença?

Um gemido baixo. Alguém perto da parede exalou um suspiro trêmulo e sofrido. Alodie não sabia sequer se tinham ouvido. Ou entendido.

Ela tentou impor toda autoridade que podia em um sussurro. “Nenhum barulho.”

Alodie avançou centímetros, apalpando o caminho com as mãos sem encostar nas vítimas agonizantes. Quando chegou perto da frente da carroça, ela viu os olhos de Linn piscarem com um súbito alívio.

Os olhos estavam inchados. Mas ela devolveu o olhar para Alodie em reconhecimento. Alodie percebeu que ela não havia sido drogada, por sorte de ter sido uma das últimas jogadas na carroça. Mas a mordaca havia sido trocada por uma de couro, e ambas as mãos estavam firmemente amarradas a um poste.

A mão direita parecia estragada, horrenda, roxa e amarelada com inchaços. Com certeza estava quebrada. Provavelmente nenhum curandeiro conseguiria recuperá-la. As mãos têm todas aquelas pecinhas intrincadas que as fazem funcionar.

Os galhos e folhas arranhavam as laterais das carroças. A floresta se adensava ainda mais. Alodie, apressada, tentou remover a corda dos pulsos de Linn. Depois, pretendia libertar os pés e a mordaca. Então elas poderiam correr.

Com as mãos estremecidas, Alodie brigou com as amarras de Linn. Ela pensava que tinha controle das mãos, mas a verdade é que pareciam estar sob ordens de alguma outra pessoa. Pelo menos aquelas luvas horróricas absorviam o suor. Eram

tantos nós. Sem pontos de inflexão. Aquilo demorava demais.

Frustrada, ela tentou repassar um dos nós por cima do pulso bom de Linn. Linn reclamou sob a mordação e cerrou os olhos, com o ar engasgado e em pânico, em uma agonia cada vez mais intensa.

Foi quando Alodie ouviu os condutores berrando e a carroça começou a parar. Ela puxou desesperadamente as amarras de Linn.

A fraca luz das tochas desapareceu pelas frestas. Alguém pulou do assento da carroça e afundou os pés com força na lama da floresta. Alodie se virou para o fundo da carroça, os passos se moveram apressadamente, seguidos pelos sons dos cavalos sendo soltos. E então começaram a se afastar pisoteando com muita pressa. Os condutores estavam correndo.

Ninguém entrou na carroça. Elas tinham sido abandonadas?

Linn tentou dizer algo por baixo da mordação. Alodie a conhecia tão bem: devia ser uma piada sobre a mão mutilada. “*Está uma maravilha, não acha?*” Ou talvez ela estivesse furiosa. Ela tinha direito de estar.

Alodie conseguiu libertar o pulso bom de Linn e puxou a mordação.

“Não vão nos entregar”, sussurrou Linn, com a voz rouca. “Nós somos a isca.”

Lá fora, Alodie ouviu o som de troncos rachando em mil pedaços, como uma saraivada de machados derrubando a floresta inteira.

Depois, um grito horrendo que cortou o ar. Acompanhado de um coro.



Um minuto passou como uma hora. Os gritos estridentes deram lugar a outro som. Um gorgolejo rouco e úmido. Alodie ouviu arranhões frenéticos, um grito de rasgar a garganta e, enfim, silêncio.

Os instintos se refrearam nela. Os impulsos foram dominados pelo medo. A sua respiração queimava. Ela mal conseguia se mover. Mal conseguia parar de tremer.

Com uma só mão em bom estado, Linn mexia preocupada nas amarras nos pés, mas não dizia nada. O progresso dela era atabalhoado, lento. A morte parecia espreitar mais rápido que ela. Jamais se soltaria sozinha.

Os condenados pareciam despertar para a vida, entreolhando-se com vagar, tentando se arrastar para longe dos postes, com dificuldade de soltar as cordas e as tiras de couro ensebadas.

Alodie era a única pessoa na carroça que conseguia ficar de pé. Livre para correr. Linn olhou para ela, reflexiva. Como um pedido. Ela tinha direito.

Alodie se abaixou e passou o dedão por baixo das amarras dos pés de Linn, que concordou. Em silêncio, as duas trabalharam juntas, até serem interrompidas por um som. Alodie ouviu algo pesado sendo arrastado pelo chão. Ela não conseguiu parar de prestar atenção no som, mas continuou puxando a corda até lacerar a pele de Linn.

Até que a frente da carroça foi partida ao meio.

Lascas de madeira explodiram por todo lado. Alodie se jogou para trás e puxou Linn pelo braço bom.

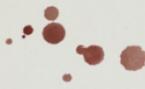
A carroça tombou. Três dos condenados desapareceram no escuro, com membros arrancados ainda presos aos postes. Os gritos irromperam por todas as direções.

Alodie conseguiu ver de relance uma longa fileira de dentes. Um tentáculo serrilhado, de cor vinho escuro, serpenteou nos destroços e a agarrou pelo ombro. Ela arrancou-o da pele dolorosamente e o arremessou para longe, até que pousou em outro condenado. Alodie nem olhou mais para os outros prisioneiros, apenas guiou Linn para fora. Elas saíram apressadas pela traseira da carroça.

Linn caminhava como uma criança, com as pernas dormentes da clausura. O ombro de Alodie ardia de dor, mas elas se apoiaram e seguiram para o breu da mata desconhecida. Alodie olhou para trás e viu as três carroças em escombros, tão ensanguentadas que escorriam como visco. Uma das tochas acopladas continuava acesa, firme a iluminar a cena como um candeeiro macabro.

Os cadáveres se espalhavam pelo chão: aquela era a oferenda da família. Por onde passavam, havia um rastro de vísceras escarlate, como grotescas cordas de marionete. Todos ali, mortos, semimortos e ainda não mortos, agonizavam e gemiam em uníssono no solo, uma sinfonia de dor.

O coração de Alodie estava saindo pela boca, mas ela arrastou Linn pela lama e pelas sombras de Matadalém, guiada pelo afã dos instintos.



Uma abominação espreitava Matadalém, com sangue nas garras. Movendo-se como um sussurro, rente ao chão.

O luar pouco se embrenhava pelos densos folhedos. Mas ela tinha olhos feitos para as trevas.

Assim como já fizera muitas outras vezes, a abominação se dedicou por horas àquela trágica destruição: dois cadáveres feridos, com pedaços da carne lacerados por garras e presas. O resto da pele que sobrara havia se tornado espinhoso, diferente do que era antes.

Os corpos estavam sobre um solo manchado e ocre. Ambos estavam inertes. Isso era importantíssimo.

A abominação cutucou os corpos, depois atravessou o punho por um deles. O punho fez um som de esguicho, mas o cadáver permaneceu parado, rijo.

Depois ela se curvou sobre o segundo corpo. Repetiu-se a cena.

O corpo abriu a mandíbula destroçada, com muco podre escorrendo pelos dentes. Parecia um inseto moribundo, golpeando a abominação com patas desgovernadas. Mesmo nesse estado, os golpes eram brutais. A pele pontiaguda e protuberante arranhou o couro da abominação, mas não conseguiu furar profundamente.

A abominação se contorceu. Após um sonoro crac, o corpo caiu no chão. Os olhos estavam fundos, rodeados por uma secreção vermelha. Mesmo com todo o debater frenético, as pálpebras em nenhum momento se abriram.

A abominação ficou de pé, e além da fumaça e podridão, encontrou uma outra coisa. Detectou com o olhar rastros em direção a oeste, a parte mais densa da mata. Parou, pegou um punhado de terra, e inspirou.

Outras duas. Ambas sangrando.

A caçada não tinha acabado.

As sombras acobertaram a abominação, e ela sumiu.



Alodie e Linn fugiam das sombras da noite. A escuridão era quase intransponível. A cada passo que elas davam, a floresta decidia revelar mais um pedaço de si.

Alodie guiava Linn com as duas mãos. E quem a guiava eram os instintos. Não havia ninguém no controle.

Elas sentiram que correram por horas, atravessaram arbustos, pisotearam folhas e afastaram-se de rosnados de feras. Alodie sentia arrepios constantes. Pensava que estava sendo observada o tempo todo, mas não sabia dizer como. Nem quem era.

De poucos em poucos minutos, elas eram forçadas a parar. Linn precisava descansar um pouco. Caso contrário, ela cairia no chão e Alodie não conseguiria segurá-la. Dessa vez, era porque a ferida da mão estava sangrando tanto que gotejava pelas ataduras.

“Você acha que ela foi embora? Aquela... coisa?” Linn perguntou. Ela estava agachada na relva, tentando segurar a respiração.

“Precisamos correr como se ela ainda estivesse aqui”, respondeu Alodie.

Linn estremeceu e apertou a atadura improvisada, como se aquilo fosse resolver alguma coisa.

“Até que não está tão ruim. O Boyce já fez muito pior”, disse Alodie enquanto a ajudava a se levantar.

“Agora você decidiu abrir a boca para ajudar?” Linn ironizou ao se levantar do espinheiro.

“Eu vim até aqui, não foi?” Alodie falou enquanto apressava o passo das duas. “Eu teria te contado, se soubesse.”

Linn ficou quieta.

Concessões às vezes ajudavam. Ela tentou outra vez. “Se eu tivesse feito qualquer coisa, o mais provável é que eles teriam matado nós duas.”

Linn a encarou, atônita. Talvez com raiva de si mesma, por não ter percebido a cova que havia cavado para si. Talvez com mais raiva de Alodie por tê-la deixado.

“Os mais espertos pagam em dia, sabe.” Alodie tentou amenizar o tom crítico na voz. Não funcionou.

Linn a empurrou e começou a andar sozinha. Tornou tudo ainda mais lento.

ELA JÁ VIRA CØNDUTØRES ABATEREM  
CAVALØS EM SØFRIMENTØ. É SEMPRE TRISTE,  
A CØNFIANÇA ETERNIZADA NØS ØLHØS DELES.  
MAS PELØ MENØS ELA CØNSEGUIA TØLERAR  
AQUELE PENSAMENTØ. A VISÃØ DAQUELES  
CØRPØS AGØNIZANTES NAS CARRØÇAS, QUE SE  
RETØRCIAM CØMØ MARIØNETES... AQUILØ ERA  
IMPØSSÍVEL DE ESQUECER.

“Por acaso você nunca teve uma fase ruim, senhorita Alodie?” Linn esbravejou. “Passaram meses sem ninguém descer lá na Lamúria. Tentei aceitar pedidos na Parte Alta. Mas estava tudo fraco.”

Contrariando a si mesma, Alodie deu vazão aos instintos, com a expectativa de vencer aquela briga. “Aí você decidiu fazer com que pagássemos a sua dívida?”

“Nós?” Linn estava incrédula. “Você sabe quanto dinheiro eles têm. Você sempre falava que eles eram uns merdas — afinal, o que te importa se alguém atrasa umas semanas?”

“Não me importa nada”, percebeu Alodie. Ela desistiu da briga. Linn merecia essa vitória, pelo menos.

Alodie se aproximou para ajudá-la a atravessar umas raízes grossas. “Quando vierem pegar a sua outra mão, eu te aviso antes.”

Linn só encarou de volta, com o rosto sujo e angustiado. “Você não tem direito de fazer piada com isso.”

Alodie tinha passado do ponto. A noite ainda nem havia terminado.

“Só depois que eu fizer algumas piadas.” Linn sorriu. “De preferência com uma plateia.”

A floresta ficou ainda mais silenciosa. As duas tateavam pelo caminho, vagarosamente. Caminhando juntas.



Depois de uma hora, elas já não ouviam mais nenhum som de seres vivos. A floresta perdera todo e qualquer burburinho, no entanto, a noite e a mata estavam cada vez mais densas. As duas tremiam.

De longe, Alodie reconheceu um som. Era um cavalo agonizando, babando fluidos pela boca. Ao se aproximarem, viram que a barriga estava aberta. Linn desviou o olhar e cobriu o rosto com o braço bom.

Alodie a ajudou a se encostar em um carvalho, depois procurou algo perto do cavalo caído. Ela encontrou uma tocha e pederneira, depois arrastou Linn pelos ombros. "Você vai...?" Linn perguntou, sem coragem de concluir.

Alodie a ignorou. Guiou as duas para longe, com rapidez.

Ela já vira condutores abaterem cavalos em sofrimento. É sempre triste, a confiança eternizada nos olhos deles. Mas pelo menos ela conseguia tolerar aquele pensamento. A visão daqueles corpos agonizantes nas carroças, que se retorciam como marionetes... aquilo era impossível de esquecer.

Um animal moribundo, fazendo barulhos ali, talvez fosse uma forma de distração. Quem sabe, aquilo que as caçava resolveria caçar outra coisa.

Ela traçou um destino contrário e levou Linn para o sul. Ao menos o que ela esperava ser o sul, afinal, as árvores grossas encobriam as estrelas. O solo granuloso e úmido se rareou e deu lugar a pedras, granito quebradiço que raspava as botas. Linn começou a tropeçar mais, respirar pesado e andar com a cabeça baixa. A própria Alodie se desequilibrou algumas vezes. Elas caminhavam a passos de lesma, no escuro, mas Matadalém parecia menos densa, até que elas quase esbarraram em uma parede.

Estavam diante de um muro de granito frio, cheio de musgos. Era a boca de uma caverna, a poucos metros dali. Abrigo.

Alodie se encheu de alívio. Aquela sensação de perseguição constante se dissipou.

Alodie colocou a tocha sobre uma rocha seca e se agachou com a pederneira. Ela começou a bater a pedra e o aço, depois soprou um punhado de galhos feiosos. Era um serviço desajeitado, mas ela já tinha feito aquilo antes. A tocha irradiou

ENTÃO ELA SENTIU O PESO DO TERRÍVEL  
SEGREDO DA FAMÍLIA. ALODIE SABIA  
QUE OS NEGÓCIOS VITIMAVAM PESSOAS.  
MAS ELA NÃO CONSEGUIA ENCONTRAR  
NENHUMA JUSTIFICATIVA HUMANA PARA  
VENDER PESSOAS A ESSA COISA. DINHEIRO?  
PROTEÇÃO CONTRA A FOME DELA? UMA  
OBRIGAÇÃO DA LINHAGEM SANGUÍNEA?

uma chama.

“Você não está falando sério, né?”, disse Linn. Mas ela tremia. A sua voz terminava em uma pergunta, não uma exigência. Ela queria estar errada.

“Acho que vamos andar até desmaiar? Vamos ficar mais seguras se ninguém puder nos pegar de surpresa”, Alodie argumentou. Ela guiou Linn para dentro.

Elas deram alguns passos na caverna, com a tocha bem acima de Alodie. Tateavam as paredes. Só precisavam encontrar uma parte ampla para passar aquela noite. Começaram a andar mais rápido, o fôlego restaurado pela esperança de uma nova chance.

A tocha era a estrela-guia. Ao caminhar, Alodie sentiu a tocha arranhar o teto da caverna. Ela queria mantê-la o mais alto possível, para iluminar o ponto mais distante.

“Quanto tempo vamos continuar assim?” Linn perguntou, ofegante. O medo passou, mas a dor começou a incomodá-la ainda mais.

A garganta de Alodie estava tão seca que ela precisou limpá-la duas vezes antes de responder. “Precisamos avançar a tal ponto que seria trabalhoso nos tirar lá de dentro. Algum lugar bastante amplo com visão da entrada.” Alodie não tinha certeza. Mas queria parecer que tinha. “Eu vou ficar de vigia por algumas horas, com a tocha acesa. Aí você pode descansar.”

Elas entraram no túnel até sair das partes iluminadas pelo luar. As paredes da caverna eram úmidas, com gotículas na pedra que faziam as mãos escorregarem

levemente. Alodie obviamente não queria dormir naquele chão. Mas elas tinham que sobreviver àquilo. Linn tinha que sobreviver.

Alguna coisa arranhou a parede da caverna atrás delas.

“Shhh.” Alodie virou a tocha e avaliou a área o máximo que podia. Ela não enxergou nada na penumbra. Mas o som vinha do caminho do qual tinham vindo.

Elas recuaram, avançado ainda mais pelo corredor da caverna. Até que ele se dividiu em dois.

Alodie levou-as pela esquerda, com a Linn na frente, quase empurrando-a para continuar andando.

Outro labirinto no escuro. Alodie as fez virar à direita, depois percebeu que estavam em uma curva. A caverna dava voltas em si mesma.

Um som que parecia de um machado ressoou contra a pedra, por toda a caverna.

O corpo inteiro dela paralisou de medo. Alodie ficou imóvel, apenas apontou para Linn seguir pelo corredor à direita. Foi tudo que ela pôde fazer. Linn olhou de volta para ela. Olhou para o caminho outra vez. E começou a dar passos vacilantes em frente. Confiava que ela não seria outro cavalo moribundo.

Não seria possível encurralar as duas. Alodie entrou no outro corredor.

Ela segurou a tocha o mais alto que podia, em ambas as mãos, com cuidado para não encostar nas paredes molhadas. Ela não queria ver a coisa que tinha partido a carroça ao meio. Mas ela precisava disso para ter alguma chance de sobreviver.

Alodie ouviu a respiração de Linn por mais alguns segundos, até que se distanciou do som. Não ouviram mais arranhões, nem clangores. Seria ela ou Linn que encontraria a coisa. Alodie guiou a tocha por um novo caminho. Ela andou até que as gotículas da parede mudaram e parou por um segundo para observá-las.

Elas cintilavam, um reflexo mais vermelho do que a luz da tocha.

Alodie virou contra a parede e um demônio a encarou. Tentáculos saíam do peitoral como cordões umbilicais. A boca de gengivas pretas repleta de caninos e com um excesso de línguas, todas elas recobertas por dentes pontiagudos como os de tubarão.

Os olhos eram abismos, implacáveis, porém inteligentes. Inteligentes demais. Humanos demais. Finos brocados esfarrapados pendiam da cintura, vestimentas dignas de um nobre de séculos atrás. Ela já tinha visto roupas assim na casa da mãe de Boyce. Heranças dos avós dos avós.

Então ela sentiu o peso do terrível segredo da família. Alodie sabia que os negócios vitimavam pessoas. Mas ela não conseguia encontrar nenhuma justificativa humana para vender pessoas a essa coisa. Dinheiro? Proteção contra a fome dela? Uma obrigação da linhagem sanguínea?

Aflita, Alodie golpeou com a tocha na direção dela. O fogo era a arma da Luz. Ela deu dois golpes amplos, depois avançou com ímpeto e pressionou a tocha contra o monstro, embora tentasse manter o máximo de distância e cautela.

A coisa não gritou nem recuou quando as chamas lhe queimaram o rosto, apenas a encarou. Depois, jogou a tocha para longe e dilacerou a garganta dela com os dentes.

Alodie caiu vagarosamente ao chão, como uma pedra que desaba ao fundo do poço. Ela engasgou, sem conseguir fazer o ar passar.

Sob a luz recalcitrante da tocha rebatida, Alodie observou Linn mancar do outro lado do corredor.

A criatura se virou, lançou dois tentáculos como chicotes e Linn caiu, gritando.

Os tentáculos a puxaram para perto. E começou a se alimentar.

A cabeça da Alodie estava deitada numa poça vermelha e pegajosa. Tudo estava dormente. Ela tentou se levantar, mas não conseguia.

As trevas demoraram muito tempo para levá-la.



*Finalmente, a presa parou para se alimentar. Distraída.*

*A abominação observou as duas sobreviventes da carroça se moverem desajeitadamente pela floresta. Na boca da caverna, a mais alta decidiu acender uma tocha, um sinal claro para todos.*

*A abominação também observou a presa dela. Um velho vampiro, envolto nos resquícios de sua riqueza humana. Sagaz, compartilhava a caçada com pessoas de Porto Real — evitava assédio, comercializava posses e, com isso, espalhava mais a sua peste.*

*O vampiro era motivado por impulsos. Não tinha nenhum autocontrole. Não*

aceitava ser rejeitado. *Iria buscar as sobreviventes.*

*Era ágil. A abominação não queria uma luta em campo aberto.*

*Mas as duas sobreviventes entraram numa caverna. Deram a chance de serem encurraladas. Ofereceram uma oportunidade.*

*O cheiro de sangue emanava da boca da caverna.*

Fez Zebediah retornar a si mesmo.

Ele era alto, com um nariz longo e adunco, cabelos brancos enevoados e soltos. Tinha um rosto grande e quadrado, pálido e de pele lisa, exceto pelo mais óbvio dos sinais da maldição: os olhos fundos e vermelhos, cercados por uma teia de veias pretas.

Zebediah vestia uma armadura reluzente e ornamentada, digna de uma corte do Kehjan, com placas carmesim que brilhavam na horizontal do abdômen. Uma ampolha pendia de uma corrente no gorjal de sua armadura, e continha a água azul-esverdeada do rio onde quase tinha dado seu último suspiro, cercado por feras que ele havia tentado rechaçar sozinho. Para proteger os outros — esse sempre fora o bem maior que ele defendera desde a infância.

O traje pesado era incomum para uma caçada em Matadalém. Isto é, para alguém que precisaria se mover rápido e em silêncio pela floresta. Entretanto, há muitas décadas ele era convocado a serviço dos Annulet, como um dos cavaleiros sangrentos. Ele tinha dificuldade de mudar sua forma de agir: já havia se incorporado totalmente ao juramento. *Tudo que me resta da vida, sacrificarei contra as trevas.*

Sempre que a jornada dele se tornava impossível, ele retornava ao juramento. Pouquíssimos podiam dizer isso com sinceridade: ele vivenciara na pele, cada agonia, cada dilema. Zebediah tinha abatido colegas amaldiçoados e ceifado a raiz maldita em inocentes, antes que pudesse se alastrar. A vida do pós-vida era monstruosa. Para se manter fiel à própria essência, era preciso ter uma alma glacial. Inquebrável.

Zebediah sussurrou sílabas mortas na brisa da noite. As sombras o envolveram como uma capa de brumas e silenciaram qualquer som que as grevas faziam na pedra.

Os gritos na caverna também silenciaram, mas Zebediah ainda ouvia os grunhidos raspados do vampiro ao se alimentar. Ele andou rápido pela caverna,

A MULHER DE CABELØS CLARØS. ELA PARECIA...  
ØRGULHØSA. ATÉ ARRØGANTE. PØRÉM, ELE  
PERCEBEU QUE ELA BATALHAVA CØM ØS  
PRØPRIØS INSTINTØS. CØNHECIA A PRØPRIA  
CRUELDADE E SABIA USÁ-LA A SEU FAVØR, BEM  
CØMØ SE DISTANCIAR DELA.

sem precisar de nenhuma luz para se encontrar.

O túnel se estreitou, o ruído áspero cada vez mais alto. Perto de uma curva, ele enfim enxergou o vampiro agachado, com os tentáculos envolvidos em uma das vítimas, firmes como dezenas de mordidas de lampreia.

Zebediah não esperava que nenhuma das vítimas da carroça sobrevivesse, nem mesmo essas duas últimas. Contudo, sabia que a morte delas podia trazer uma pequena vantagem contra o vampiro, por isso esperou e observou. Nada era mais importante que eliminar a ameaça.

Zebediah podia ocultar seus passos, mas não seu cheiro. O vampiro se virou, levantou subitamente para olhá-lo e sibilou com as múltiplas línguas afiadas e retorcidas.

Uma lança púrpura e negra, de sombras sólidas, materializou-se na mão de Zebediah e ele a arremessou com todo seu ímpeto. O vampiro nem conseguiu se esquivar: num átimo a lança atingiu o alvo e perfurou-lhe a garganta. Os tentáculos todos se ergueram para tentar arrancar aquela sombra que devorava sua pele álgida.

Em seu interior, a maldição de Zebediah sentiu grande júbilo ao ver a presa ferida. Ele ordenou que silenciasse.

Zebediah avançou cadenciadamente até o vampiro, com firmeza nas pernas e nas luvas que seguravam a lança longa. Ele não queria sentir o cheiro do sangue pútrido que escorria das feridas; precisava abater a presa rapidamente, antes dela se curar. Ele golpeou duas vezes, dois buracos abertos no peito da criatura, e flexionou o corpo para um voleio final com as duas mãos.

Quatro tentáculos serrilhados agarraram os braços e o pescoço de Zebediah e dilaceraram a pele. Foi a dor mais profunda que ele já havia sentido, centenas de caninos vampíricos cortavam e perfuravam as feridas abertas e ardiam como se

estivessem em chamas. Os tentáculos se apertaram e forçaram Zebediah a soltar a lança das mãos. Ele sentia que estava sendo cortado em mil pedaços.

Os tentáculos chegaram até a cintura. Zebediah se derreteu em uma poça de sangue.

O vampiro parou, sibilando, balançando os braços no ar. Tentou investigar adiante, os tentáculos esvoaçaram e tatearam. E então voltou-se ao corpo das vítimas, insaciável.

Uma poça escarlate borbulhava atrás dele, uma massa amorfa com a silhueta de um corpo. A lança longa se ergueu com ela, apertada pelas mãos de Zebediah que se recompunham, um dedo de cada vez. O sangue deslizou pelo corpo e revelou a forma humana. Ele golpeou o vampiro pelas costas.

Zebediah tentou não olhar enquanto perfurava a criatura incessantemente. Mas não conseguiu se conter. Três furos. Quatro. Cinco. Havia uma simetria sedutora naqueles golpes, naquela seiva rubro-negra que jorrava da vítima e o banhava dos pés à cabeça. Ele atacou com ardor, para desespero do inimigo despreparado.

Até que um tentáculo arranhou a recordação no pescoço de Zebediah e quebrou a corrente do gorjal. Esse vampiro já havia sido caçado por outro cavaleiro sangrento. Ele *sabia*.

Zebediah se lançou ao solo para impedir que sua preciosa recordação se estilhaçasse nas rochas. Os apêndices do vampiro o rodearam outra vez, mas a maldição estava no controle. A pele de Zebediah começou a inchar: ele cedeu ao impulso para se transformar numa massa de músculos e sangue, com uma força e fome ainda maiores do que o vampiro.

*A abominação rasgou a presa ao meio, arrancou cada tentáculo e um dos braços pútridos. Eviscerou cada parte do corpo com garras finas e sangrentas no lugar das mãos.*

*A presa estava coberta de tripas pegajosas. Tentou se contorcer para um lado, para o outro. Tentava escapar. Era impossível escapar.*

*A abominação a arremessou furiosamente, para cima e para baixo, sem vontade de cessar.*

Zebediah chacoalhou a cabeça como um cachorro. As mãos pulsavam com a agonia. A dor era a distração favorita dele para impedir a perda do autocontrole. Ela lhe trazia clareza. Ele estava triturando a parede da caverna, com tanta força que

abrirá uma cratera de meio metro.

Metade do corpo e da carne do vampiro estavam sob seus pés. A outra metade havia sumido.

Rastros sangrentos levavam à saída da caverna. Ele havia fugido.

Ele se exasperou, tornou a golpear a parede. O vampiro era mais rápido do que ele. O vampiro *sabia* sobre ele. Ele ainda podia tentar pegá-lo. Se ele partisse imediatamente, talvez...

Um dos corpos das mulheres tremeu no chão. Após alguns segundos, a outra. Novamente.

Em um coro.

Quem elas tinham sido? Irmãs, talvez? Amantes, pela forma casual e alheia com que conversavam?

Ele só tinha em mente a eliminação do vampiro. Impedir que a maldição se espalhasse.

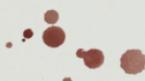
Contudo, ela havia se espalhado. Graças às escolhas *dele*. A falta de controle *dele*. A maldição *dele*, que o acompanhava muito antes de empunhar a lança.

Qual era o bem maior naquele caso? A maior reparação?

A mais baixa, de cabelos castanhos, era uma mulher impetuosa, com uma alegria inata que lhe caía bem. Ela acreditava no seu valor próprio, mesmo quando o mundo dizia que ela não tinha valor.

A mulher de cabelos claros. Ela parecia... orgulhosa. Até arrogante. Porém, ele percebeu que ela batalhava com os próprios instintos. Conhecía a própria crueldade e sabia usá-la a seu favor, bem como se distanciar dela.

Já seria um bom começo. Ele pairou a lança e a recordação no solo e se ajoelhou diante delas.



Alodie estremeceu. Estremeceu de corpo inteiro. Parecia querer se mover, se libertar daqueles pensamentos e da mente, cada membro possuído por uma vontade própria. A visão dela estava soterrada, com apenas uma centelha de luz

na escuridão.

As visões vagavam em torno dela. Um homem de cabelos brancos e uma belíssima armadura coberta de vísceras.

“Você vai morrer”, ele disse com uma voz sem crueldade nem gentileza. O sotaque dele era estranho, uma entoação célere e cadenciada. “Você sofreu a mácula. A transformação será pior do que tudo que já vivenciou.”

Ele ergueu um pequeno frasco com água esverdeada e o abriu. No turbilhão de visões sombrias, os movimentos dele pareciam velozes e lentos, mas nítidos. “Eu posso lhe dar a paz.”

Ela quis concordar. Não bastava querer para conseguir se mover.

“Ou posso lhe dar tempo. Anos. Décadas. Mais, quem sabe.”

O corpo de Alodie parecia querer vagar para algum lugar distante. Ela quase não conseguia ouvir as palavras. Porém, elas capturaram a atenção dela.

Ele continuou, com um tom mais intenso. “Não será fácil. Você vai treinar e vai caçar. E vai morrer como um monstro, mais torpe do que este que lhe tomou a vida. Seu fim não será mais doce pelo mal que você abateu, nem pelo bem que você promoveu.

*O bem que você promoveu.* Ela tentou procurar Linn com o olhar. Fracassou.

A urgência das palavras a invadiu. “Se quer despertar para esta vida, então jure. Jure pelo seu sangue.”

Alodie não conseguia falar. Não conseguia se mover. Ela deixou os olhos responderem por ela.



O ritual foi apressado. Os cânticos e abluções do frasco, a escuridão da caverna que apertava a visão de Alodie como os dedos de uma criatura viva. Ela perdeu a consciência várias vezes, falou, ouviu; no fim, lembrou-se apenas de fragmentos.

Erguer-se foi um fardo. Contudo, ela se ergueu. Respirou. Passou a língua pelos dentes. Normal. Sentiu a própria pulsação. O sangue ainda pulsava. Olhou para o homem de cabelos brancos, sentado de pernas cruzadas a poucos metros dela.

Entre eles, uma singela poça de orvalho. Alodie percebeu que enxergava no escuro. Com a mesma naturalidade que sempre fez na vida, olhou o próprio reflexo.

A ferida na garganta era uma costura horrenda. Os olhos refulgiam na luz como rubis. Ao redor deles, minúsculas veias da cor de terra sepulcral.

Ela sentiu o aplacar da mudança e a aceitou. Primeiro, é preciso viver. Depois...

Linn se sentou, como se tivesse sido arrastada. Os braços dela pareciam flácidos. O rosto pálido. A pele do pescoço e dos braços tinha pequenos espinhos protuberantes. A voz parecia um grunhido gutural de algum animal.

De algum modo, Alodie se sentia mais fraca do que nunca.

“O que você fez comigo”, Alodie falou a Zebediah, tremulando as palavras, “faça com ela. Você precisa fazer.”

Zebediah balançou a cabeça. “Ela já está em estado adiantado. Em breve, se tornará serviçal do vampiro. Sinto muito. Eu só tinha tempo para uma de vocês duas.”

Tudo que restava à Alodie era promover o bem. Ele dissera aquilo. Ele fizera a promessa.

“Nós... Se nós matarmos o vampiro, ela...” A voz estava mais rouca do que ela imaginou, como se a garganta não tivesse se curado.

Zebediah se adiantou. “Quando a transformação se consolida, não há como impedi-la.”

Alodie se sentiu enjoada. As lágrimas correram incontroláveis pelos olhos, tão inúteis como sempre.

“Por que eu? Por que você não escolheu ela?”

Zebediah afastou o olhar. “Nossa estrada é árdua e é preciso conhecer a si mesmo para trilhá-la. Quem esquece sua essência, por um segundo que seja, está perdido para sempre.” Ele falava com um olhar distante. Depois se voltou para ela. “Eu sinto essa determinação em você. Pelo menos, você terá uma chance.”

Ela andou até Linn, que se retorcia como as marionetes-cadáveres perto das carroças. Linn tentava chegar perto de Alodie, mas os braços e pernas não a obedeciam mais. Os sons não eram mais palavras.

Alodie a olhou nos olhos, com as pupilas dela transformadas em bolas vermelhas inchadas e sem nenhuma parte alva.

Linn não conseguiu falar nada para ela. E não havia nada a falar para si mesma.

O luxuoso lenço ascot azul e dourado que adornava o pescoço de Linn estava manchado, praticamente irreconhecível. Alodie o desamarrou com delicadeza, passou-o por cima da cabeça e envolveu o próprio pescoço, encobrendo a cicatriz. Aquela era a recordação dela.

Ela olhou de volta para Zebediah. Não estava pedindo. Estava aceitando. Ele a entregou a lança.

Alodie apontou a lança para o coração de Linn. Esperou para ver alguma reação. A confiança aparecer nos olhos de Linn. Felizmente, ela não viu.

*Confiança.*

Ela fechou os olhos e deixou os instintos a impelirem.

